

Publicando em coautoria: uma comparação das motivações entre pesquisadores mais e menos prolíficos de Administração no Brasil

Publishing in co-authorship: A comparison of the motivations between more and less prolific Management scholars in Brazil

Manuel Portugal Ferreira
Christian Daniel Falaster
Cláudia Sofia Frias Pinto
Renata Canelas

Recebido em: 07/03/2019
Aprovado em: 30/06/2020

RESUMO


Neste estudo pesquisamos o que pesquisadores mais e menos prolíficos – que publicam mais ou menos artigos científicos – buscam nos seus relacionamentos de coautoria. Especificamente, procuramos entender se e como há diferenças nas motivações presidindo as coautorias entre pesquisadores mais e menos prolíficos. A investigação sobre coautoria é relevante para a academia dado que a maioria dos artigos é publicada em coautoria e as coautorias podem ter um impacto importante na carreira dos pesquisadores. Coletou-se dados por questionário junto de 171 pesquisadores brasileiros sobre as suas motivações, pressões e escolhas para a autoria. Identificaram-se diferenças significativas nas pressões percebidas para publicar, fontes dessas pressões, motivações para trabalhar em coautoria e as contribuições que merecem coautoria, entre os pesquisadores mais e menos prolíficos. O estudo contribui para o debate sobre o desenvolvimento dos pesquisadores e formação de laços de coautoria, sugerindo-se que as coautorias podem ser estrategicamente geridas e evoluir ao longo do percurso profissional dos pesquisadores, deixando antever que a rede de coautorias evolua estrategicamente com a prossecução de diferentes objetivos.

Palavras-chave: Publicar em Administração; Coautorias; Pressões para publicação; Motivos para coautorias; Gestão estratégica das coautorias.

Manuel Portugal Ferreira 
manuel.portugal.ferreira@gmail.com
Doutor em Administração pela Universidade de Utah, EUA
Ph.D in Business Administration - University of Utah, USA
Universidade Federal de Lavras e Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Lavras/MG - Brasil

Christian Daniel Falaster 
christianfalaster@gmail.com
Doutor em Administração pela Uninove
Ph.D in Business Administration - Uninove
Universidade Regional de Blumenau
Blumenau/SC - Brasil

Cláudia Sofia Frias Pinto 
claudia.frias.pinto@gmail.com
Doutora em Administração de Empresas pela FGV/EAESP
Ph.D in Business Administration - FGV/EAESP
Universidade do Oeste de Santa Catarina
Chapecó/SC - Brasil

Renata Canela 
renata.canela@waua.com.br
Mestre em Administração FGV/EAESP
M.Sc in Business Administration - FGV/EAESP
Instituto Germinare
São Paulo/SP - Brasil

ABSTRACT

In this study, we investigate what more and less prolific scholars – that publish more or less scientific articles – search for in their co-authorship ties. Specifically, we seek to understand if and how there are differences in the motivations presiding to co-authorship between more and less prolific researchers. Research on co-authorship is of interest to the academia, since the majority of the articles are published in co-authorship and co-authorships may have an important impact in the scholars' career. We have collected survey data with 171 Brazilian management faculty, about their motivations, pressures, and choices for co-authorship. We identify significant differences on the perceived pressures to publish, source of pressure, motivations to work in co-authorship and the contributions warranting co-authorship across more and less prolific researchers. We contribute to the debate on the development of scholars and the formation of co-authorship ties, suggesting that co-authorship may be strategically managed and evolving along the professional path of the researchers, and leaving the possibility that scholars' networks of co-authorship evolve strategically as they seek different goals.

Keywords: Publishing in Management; Co-authorships; Pressures to publish; Motives for co-authorships; Managing co-authorships strategically.

Introdução

A publicação de artigos em periódicos científicos é um requisito fundamental para os pesquisadores (HARZING, 2007; CHEN, 2011). Na sua carreira acadêmica, os pesquisadores estabelecem relações de coautoria (HOLDER; LANGREHR; SCHROEDER, 2000) para enfrentar as pressões (ACEDO et al., 2006) e as dificuldades (JUDGE et al., 2007; SERRA et al., 2008; FERREIRA, 2013) da publicação. As coautorias parecem emergir da necessidade de publicar (*o publish or perish*) (HARZING, 2007; ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2009), para avançar nas carreiras e, em muitas universidades, para conseguir estabilidade empregatícia (*tenure*) (BACCINI et al., 2015; CRESPI et al., 2017). As coautorias parecem ser uma das principais formas que os pesquisadores usam para lidar com a dificuldade de publicar, o tempo exigido, a crescente sofisticação metodológica para realizar pesquisas fundamentadas (MANTON; ENGLISH, 2006), e a necessidade de trazer para o trabalho científico diferentes bases de conhecimento (ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2009; FERREI-

RA; SERRA, 2015). No entanto, é pouco evidente como os laços de coautoria são estabelecidos e como os pesquisadores mais e menos prolíficos diferem quanto as coautorias, suas motivações para as coautorias, e os motivos que orientam a escolha dos parceiros de pesquisa. Adicionalmente, a maioria dos estudos existentes sobre coautoria usa dados ecundários, por exemplo, coletados dos currículos dos pesquisadores ou de bases secundárias (ACEDO et al., 2014; RUIZ-CASTILLO; COSTAS, 2014; FALASTER et al., 2017) tais como a *Web of Science* e, mais raramente, têm questionado os próprios acadêmicos para captar uma visão em primeira mão sobre as coautorias.

Neste estudo investigamos o que os pesquisadores mais e menos prolíficos – que publicam mais ou menos artigos científicos – buscam nas suas relações de coautoria, analisando as diferenças existentes entre os pesquisadores mais prolíficos (os com maior experiência na publicação) e os menos prolíficos (com uma historial de publicação mais curto). Esta análise procura entender se e como há diferenças nas motivações para a coautoria entre os pesquisadores mais e menos prolíficos. Por exemplo, para os pesquisadores que têm um histórico pequeno de publicações, e previsivelmente menor domínio sobre o que é necessário para realizar boa pesquisa e publicar os resultados, as coautorias podem servir para aprender e para aumentar o número de publicações. Em contraste, os pesquisadores mais experientes em publicação, podem usar as coautorias para juntar competências distintas, talvez complementares (LUNGEANU; HUANG; CONTRACTOR, 2014). Noutros casos, estes pesquisadores podem entrar em coautorias simplesmente como reflexo das orientações de mestrado e/ou doutorado dos seus estudantes. Assim, argumentamos que a composição das redes de colaborações entre pesquisadores evolua ao longo do tempo e do nível de experiência dos mesmos, na medida que se altera a forma como veem as coautorias e o que buscam dos coautores. Ou seja, ao longo do tempo é provável que o que os pesquisadores buscam nas suas coautorias se altere. No entanto, embora haja evidência que a maioria dos artigos envolvem relações de coautoria (ACEDO et al., 2006; BIDAULT; HILDEBRAND, 2014), a pesquisa é escassa em apontar as motivações subjacentes as coautorias (algumas exceções em HUDSON, 1996; MANTON; ENGLISH, 2006; IGLIČ et al., 2017). De igual modo, a pesquisa é escassa em apontar se há diferenças nas motivações entre pesquisadores em como escolhem os coautores. É possível, por exemplo, como

sugerimos, que a composição das redes de coautoria seja distinta para pesquisadores em diferentes estágios, e que os pesquisadores façam uma gestão estratégica das suas relações de coautoria de modo a captarem os benefícios desejados.

Metodologicamente, este estudo envolveu a coleta de dados primários usando um questionário enviado por e-mail, com uma amostra de 171 pesquisadores em Administração. O questionário coletou dados na perspectiva dos pesquisadores sobre as suas práticas em matéria de coautorias, as motivações e pressões para a coautoria, os fatores subjacentes a escolha dos coautores, o perfil dos participantes, entre outros elementos. Distinguimos entre pesquisadores mais e menos prolíficos baseando na sua experiência em publicar, de modo que os pesquisadores mais prolíficos são os que publicaram mais (e não necessariamente mais produtivos), e os menos prolíficos são aqueles que publicaram menos.

Este estudo tem duas contribuições. Uma contribuição mais teórica, ao investigar não apenas as motivações para coautorias, mas, também, como estas motivações podem ser distintas entre pesquisadores mais e menos prolíficos. Conceitualmente é interessante que as redes colaborativas dos pesquisadores podem se alterar não apenas devido a fatores externos (por exemplo, mudança de orientandos ou mudança de universidade) mas, também, por um elemento mais estratégico, que são as necessidades e perspectivas dos pesquisadores. Ou seja, altera-se o que os pesquisadores buscam dos seus coautores. Assim, por exemplo, enquanto pesquisadores iniciantes necessitam desenvolver suas habilidades de pesquisa e redação, os pesquisadores mais sêniores terão necessidades ou motivações distintas na formação das suas relações de coautoria. Os resultados deste estudo apontam que os pesquisadores com menor experiência em publicação (os menos prolíficos) constroem relacionamentos para aumentar o seu aprendizado com os coautores, e ganhar experiência. Em contraste, os pesquisadores mais experientes (mais prolíficos) buscam coautores que trazem competências e habilidades complementares, criar um ambiente de trabalho estimulante ou ajudar um estudante de doutorado.

O estudo tem, também, uma contribuição de caráter mais gerencial para as direções de programas de pós-graduação em Administração *strictu sensu* e grupos de pesquisa numa perspectiva institucional. Neste domínio são importantes as normas institucionais nacionais de regulação e avaliação de Professores e programas. No Brasil, por exemplo, há uma organização central - CAPES (*Comissão de Aper-*

feijramento de Pessoal do Nível Superior) – que estabelece o quadro regulatório para avaliar a educação pós-graduada e valoriza substancialmente as publicações científicas, tanto quantitativamente quanto qualitativamente (MACCARI et al., 2009). Os pesquisadores podem reagir a estes requisitos impostos buscando ativamente construir relações de coautoria. Entender o que os pesquisadores buscam dos coautores é, assim, uma primeira etapa para a promoção e gestão das coautorias. Também apontamentos as implicações para as agências reguladoras e os editores de periódicos.

Este artigo está estruturado em cinco seções. Primeiro, apresentamos uma breve revisão da literatura sobre pesquisa e publicação, e no Sistema institucional Brasileiro que estabelece o palco para a necessidade e valor da publicação para os pesquisadores. A segunda seção é dedicada ao método, onde incluímos uma descrição dos procedimentos de coletada de dados, instrumento (questionário) e amostra. Em seguida, apresentamos os resultados usando estatísticas essencialmente descritivas. Concluimos com uma discussão ampla, apontando a contribuição, implicações práticas e sugestões para pesquisas futuras.

Revisão da Literatura

A publicação de artigos científicos é importante para a carreira dos acadêmicos (HARZING, 2007; BENNETT; TAYLOR, 2003; CHEN, 2011) mas, também, para as universidades, departamentos e centros de pesquisa (JUDGE et al., 2007) porque as publicações são um dos itens usuais de avaliação dos pesquisadores, universidades e programas pelas agências nacionais e internacionais. Publicando os seus artigos em periódicos indexados, com avaliação pelos pares, e de alto impacto (WALTMAN, 2016), os pesquisadores contribuem para o progresso do conhecimento e da (SERRA et al., 2008). A publicação em revistas de alto impacto (CRESPI et al., 2017) é o principal indicador de sucesso acadêmico (BENNETT; TAYLOR, 2003; ABBASI et al., 2010; FERREIRA, 2015). Adicionalmente, ao publicar, os pesquisadores abrem as portas para recompensas como salários mais altos (SANDNES, 2018), reputação e progressão na carreira (CAMPANÁRIO, 1996; SULLIVAN, 1996; SERRA et al., 2008), obter financiamento para projetos de pesquisa (MUGNAINI

et al., 2004), e mobilidade (ROTHMAN et al., 2003; FALASTER; FERREIRA, 2016), entre outros benefícios (FERREIRA, 2015). Em alguns casos, mesmo os estudantes de doutorado necessitam publicar como um requisito parcial para a conclusão dos seus estudos (BENNETT; TAYLOR, 2003; MUGNAINI et al., 2004; JUDGE et al., 2007; CHEN, 2011). O desempenho na publicação é um elemento de reputação que legitima a função do pesquisador. A necessidade de publicação é, assim, dirigida, pelo menos em parte, por um conjunto de motivações pessoais e profissionais dos pesquisadores (HEMMINGS; RUSHBROOK; SMITH, 2006).

A necessidade de os pesquisadores publicarem esbarra nas dificuldades intrínseca a publicar. As taxas de rejeição dos artigos submetidos a periódicos de alto impacto podem ser bastante altas (BORNMANN ET AL., 2009; FERREIRA; FALASTER, 2016). Por exemplo, Rynes et al. (2005) reportou que cerca de 84% dos manuscritos submetidos ao *Academy of Management Journal* foram rejeitados após a primeira avaliação e, dos 16% restantes, apenas cerca de metade acabou sendo publicado. Falaster et al. (2016) apontaram que os periódicos A2 em Administração, Ciências Contábeis e Turismo no Brasil costumam ter taxas de rejeição acima dos 81%, sendo que destes, 40% não são sequer enviados aos avaliadores (têm um *desk reject*).

As pressões para publicação, somadas à dificuldade imposta por altas taxas de rejeição, são um estímulo para os pesquisadores atuarem colaborativamente – ou seja, para se juntarem a coautores (HOLDER et al., 2000; ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2009; SERRA; FERREIRA, 2015). Os estudos existentes nas diversas áreas da Administração apontam que a maioria dos artigos são publicados em coautoria (MOODY, 2004) de dois ou mais coautores. A tendência crescente para a coautoria, em detrimento da autoria única, foi verificada, por exemplo, por Phelan, Ferreira e Salvador (2002) na área da estratégia. Os estudos de Mugnaini et al. (2004) e de Leal, Souza e Bortolon (2013) evidenciaram que a tendência de autoria múltipla existe também no Brasil (DIGIAMPIETRI et al., 2012), acompanhando a tendência de maior produção científica brasileira em Administração (TONELLI et al., 2003).

O crescimento da publicação em coautoria pode ser uma resposta dos pesquisadores em Administração as demandas organizacionais e institucionais (BUFREM et al., 2010; CRESPI et al., 2017). Os programas de mestrado e doutorado também são avaliados considerando, entre outros elementos, as publicações

conjuntas entre professores e seus orientandos de mestrado e doutorado (FALASTER et al., 2017).

PESQUISA E PUBLICAÇÃO EM COAUTORIA

A Pesquisa em coautorias ganhou alguma atenção nas últimas décadas mas mais especialmente olhando as redes relacionais dos pesquisadores (BARABÁSI et al., 2002; ACEDO et al., 2006; ABBASI et al., 2011; ORTEGA, 2014; PERSSON, 2017), as consequências das coautorias (MOODY, 2004; DUCTOR, 2015; SANDNES, 2018), e os impulsionadores da publicação e da coautoria (ROTHMAN; KIRK; KNAPP, 2003; SANDENS, 2018). Muitos destes estudos assentam na ideia que para avaliar o desempenho dos acadêmicos necessitamos mensurar o histórico de publicações quantitativa (ou seja, o número de artigos publicados) e qualitativamente (por exemplo, as contagens de citações aos artigos e o fator de impacto dos periódicos em que publicam) (ABBASI et al., 2011; WALTMAN, 2016). Também assentam na ideia que equipes multidisciplinares são importantes para ultrapassar as exigências nos periódicos de alto impacto (LUNGEANU et al., 2014). No entanto, a pesquisa existente tem olhado pouco para como as motivações para as coautorias possivelmente variam entre pesquisadores e porque isso pode ocorrer.

A necessidade de realizar pesquisas com uma efetiva contribuição para o conhecimento acadêmico, e as dificuldades para conseguir publicar, parece conduzir os pesquisadores a buscar colaborações (ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2009). A literatura indica que a alta produtividade – aferida pelo número de artigos publicados - está positivamente correlacionada com altos níveis de colaboração (KATZ; MARTIN, 1997; LEE; BOZEMAN, 2005). Desta forma, os pesquisadores procuram coautorias para vencer as barreiras impostas pela alta qualidade exigida para publicar nos periódicos de impacto (HOLDER et al., 2000).

De fato, os pesquisadores podem buscar coautorias por diversas razões (FERREIRA; SERRA, 2015). Por exemplo, para reduzir o tempo de produção do artigo até a publicação (BARNETT et al., 1988; HEMMINGS et al., 2006), pois os pesquisadores se juntam para fazer a pesquisa e escrever mais rapidamente. Possivelmente a motivação mais comumente apontada para a coautoria é a busca de parceiros com conhecimentos ou habilidades complementares (GOFFMAN; WARREN, 1980; HUDSON, 1996; LEE; BOZEMAN, 2005; ACEDO et al., 2006; MANTON; ENGLISH,

2006; LUNGEANU et al., 2014), sejam estes conhecimentos teóricos (WRAY, 2006; MATHEUS et al., 2007) ou conhecimento relativo a aspetos metodológicos e estatísticos (MOODY et al., 2004). Esta complementaridade, previsivelmente, permitirá aprimorar a qualidade final do trabalho (HOLDER et al., 2000) e evitar os problemas no método e na contribuição teórica que frequentemente levam à rejeição dos artigos (FALASTER; FERREIRA; CANELA, 2016).

O SISTEMA INSTITUCIONAL BRASILEIRO

O sistema institucionalizado em cada organização e país cria diferentes níveis de pressão para publicar e as respostas dos pesquisadores para conseguirem atingir os níveis de desempenho necessários. Ou seja, o sistema institucional em que os pesquisadores operam importa. Os requisitos usuais sobre os pesquisadores para, por exemplo, obterem estabilidade de emprego (*tenure*) é publicar em periódicos de alta reputação (HARZING, 2007; WALTMAN, 2016; PERLIN et al., 2017). No entanto, há grandes disparidades entre países nos requisitos de pesquisa/publicação e na forma como a “qualidade” da pesquisa é avaliada. A “*Journal quality list*” de Ann-Will Harzing (2015 e outros) apresenta vários ranqueamentos de periódicos usados em diferentes universidades estrangeiras, mostrando diferenças substanciais na avaliação de qualidade de periódicos. Adicionalmente, há várias fontes para identificar os fatores de impacto e medidas de desempenho quantitativas de vários tipos (ORTEGA, 2014; RUIZ-CASTILLO; COSTAS, 2014; WALTMAN, 2016; PERLIN et al., 2017; PERSSON, 2017).

As coautorias são, também, um reflexo das mudanças no normativo institucional e da ênfase crescente das universidades nas publicações. Estas mudanças são, pelo menos em parte, lideradas pelas agências reguladoras que valorizam as publicações (ABBASI et al., 2011; PATRUS et al., 2015), mas têm induzido mudanças relativamente profundas em aspetos como a contratação de novos professores e sua progressão (FERREIRA; SERRA, 2015). Enquanto nos EUA o sistema em prática tem a tradição de valorizar as publicações, o mesmo tem vindo a ser adotado em muitos outros países. A institucionalização do histórico de publicações, e publicações em periódicos *top* com revisão pelos pares, é uma das principais pressões sobre as universidades, departamentos e professores (PATRUS et al., 2015). Ou seja, o “*publish or perish*” está se tornando uma tendência mundial

(HARZING, 2007) para além dos países anglo-saxónicos onde surgiu. Parte da institucionalização é construída nacionalmente, com normas definidas pelas agências nacionais, mas também internacionalmente dado que os ranqueamentos das universidades (ver, por exemplo, o ranqueamento do Financial Times) consideram as publicações dos professores e mesmo as agências de acreditação consideram o desempenho científico.

No Brasil, por exemplo, o sistema institucional tem evoluído rapidamente e em poucos anos o conjunto de critérios sobre os quais os pesquisadores e os programas doutorais são avaliados contrasta com práticas anteriores em que apresentações em conferência eram suficientes. Atualmente, foca-se o fator de impacto JCR (entre outros) (SHIGAKI; PATRUS, 2013). No Brasil, a agência governamental CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – estabelece o desempenho de publicações que é necessário para cada nível de avaliação (MACCARI et al., 2011; SHIGAKI; PATRUS, 2012; MACCARI; NISHIMURA, 2014; PERLIN et al., 2017). De fato, a CAPES estabeleceu um Sistema nacional designado por Qualis que organiza todos os periódicos em estratos, seguindo critérios baseados na qualidade, impacto e relevância (BEUREN; SOUZA, 2008). O Qualis aplica-se a todas as disciplinas e não apenas a administração/negócios. A agência CAPES foi criada em 1951 pelo governo Brasileiro, inicialmente para supervisionar a provisão de pessoal qualificado para as necessidades de desenvolvimento do país (SHIGAKI; PATRUS, 2012). Em 1977, a CAPES começou a avaliar os programas de pós-graduação (CASTRO; SOARES, 1983) e atualmente afere um conjunto de indicadores relativos ao desempenho de programas de Mestrado e doutorado e os avalia numa escala de 7 pontos (MACCARI; NISHIMURA, 2014). Entre os indicadores aferidos põe ênfase nas publicações científicas (SHIGAKI; PATRUS, 2012). Outros indicadores incluem aspetos como a proposta do programa, o perfil, experiência e estabilidade dos professores, a qualidade das teses e dissertações, as publicações pelos alunos e a integração na sociedade (MACCARI et al., 2014).

Um elemento importante no sistema institucional Brasileiro que se refere aos periódicos é o Qualis. O Qualis é a classificação dos periódicos, em todas as disciplinas, numa escala de oito pontos, desde o estrato A1, o mais alto (atualmente apenas inclui periódicos internacionais de alta reputação como o AMJ, AMR, SMJ,

Org. Science, entre outros), A2, B1, B2, B3, B4, B4 e C, no nível mais baixo. Os critérios para a classificação dos periódicos são anunciados publicamente (<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>). Os periódicos em cada estrato precisam seguir vários requisitos, incluindo o fator de impacto, número de anos de existência, indexação em bases, editor, processo de avaliação, ISSN, periodicidade, normas de submissão, etc. (ver, também, PERLIN et al., 2017). O Qualis é revisado periodicamente, com a inclusão/exclusão de periódicos e mudanças nos estratos (TULESKI; BARROCO, 2010; CAPES, 2014a).

Um recurso institucional adicional é uma obrigação de todos os bolsistas em programas de pós-graduação (menos para o corpo docente de graduação) manterem informações atualizadas de seu curriculum vitae em uma plataforma de currículos baseada na Web e acessível gratuitamente em todo o país. Essa plataforma é chamada LATTES (<http://lattes.cnpq.br/>) e foi criada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Em 2010, Lattes já incluiu mais de 1,6 milhão de currículos de pesquisadores afiliados a universidades brasileiras (PERLIN et al., 2017). A vantagem dessa plataforma é disponibilizar prontamente o desempenho dos pesquisadores e algumas informações biográficas, uma vez que inclui publicações, atividades de revisão de periódicos e eventos, projetos, tarefas de ensino, papéis de orientação, formação educacional, entre outros itens (LEITE; MUGNAINI; LETA, 2011; PERLIN et al., 2017). Os pesquisadores têm um incentivo para manter seus currículos em Lattes atualizados, já que este é o formato nacionalmente aceito para os currículos usados por todas as agências governamentais, por exemplo, para fins de financiamento e também pelas universidades ao avaliar periodicamente o desempenho do corpo docente. Diniz-Filho et al. (2016) relataram que havia cerca de 6.000 universidades no Brasil, públicas, privadas e comunitárias, oferecendo cerca de 37.500 cursos de graduação e quase 4.000 programas de pós-graduação (mestrado e doutorado).

Existem várias críticas à análise baseada em citações e outras métricas quantitativas que estão subjacentes também a grande parte do sistema institucional brasileiro (por exemplo, BORDONS ET AL., 2002; TULESKI; BARROCO, 2010; MESQUITA et al., 2013). No entanto, o uso de contagens de citações é amplo e provavelmente facilitado pelo uso de software e plataformas dedicadas, como o Lattes. No entanto, provavelmente devemos ser cautelosos em reduzir o desempenho

do corpo docente apenas para indicadores quantitativos acessíveis em bancos de dados secundários. O artigo de Waltman (2016) fornece uma revisão clara do uso de medidas baseadas em citações.

Apesar de ter um sistema de ensino superior razoavelmente recente e de dar passos iniciais em pesquisas de alto impacto, o Brasil fez um caminho significativo para melhorar a produção científica em muitos domínios científicos, mesmo que menos em Administração/Negócios do que em outras disciplinas (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2013; PERLIN et al., 2017). É provável que o crescimento da produção científica de acadêmicos brasileiros (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2013; DINIZ-FILHO et al., 2016) tenha sido, pelo menos em parte, também devido à institucionalização de várias normas, sistemas de controle e avaliações como Qualis e Lattes, que ajudam a disponibilizar todas as informações e fornecem mais transparência ao sistema e diretrizes uniformes em todo o país.

Método

O estudo empírico foi sustentado em dados primários coletados por meio de um questionário enviado por e-mail a uma amostra aleatória de cerca de 900 pesquisadores brasileiros que publicaram artigos num conjunto de periódicos brasileiros de Administração no período 2012 a 2014. Estudar o Brasil é interessante não apenas porque, como notámos, tem havido um forte crescimento do número de publicações por pesquisadores Brasileiros, mas também pelas reformas institucionais que têm sido implementadas e que conferem ao Brasil um sistema idiossincrático e um dos mais evoluídos. Collet e Vives (2013) notaram que enquanto os EUA vão perdendo algum terreno, outros países vão crescendo, incluindo algumas economias emergentes. As especificidades Brasileiras podem, inclusive, servir de *benchmark* para outros países emergentes que pretendam melhorar o seu desempenho científico. Usando dados primários, coletados por questionário, é possível aprofundar a nossa compreensão das percepções individuais dos pesquisadores num ambiente institucional que, embora inovador e organizado, ainda está em fluxo a medida que o governo e agências governamentais melhoram os critérios e processos (MACCARI et al. 2009; MACCARI et al., 2011; MACCARI; NISHIMURA, 2014).

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a coleta de dados utilizamos um questionário baseado em Holder et al. (2000) e Tarnow (2002) incluindo questões para identificar a percepção dos pesquisadores brasileiros em Administração sobre três aspectos: as suas percepções de pressões para pesquisar e publicar, as motivações e relações de coautoria, e a sua avaliação das tarefas necessárias que um coautor necessita fazer para merecer coautoria num artigo. Holder et al. (2000) analisaram o porquê de pesquisadores de grande sucesso trabalharem com coautores, quais as atividades que segundo eles merecem inclusão como coautor, e como a ordem de coautoria é determinada pelos pesquisadores. Tarnow (2000) estudou questões de ética nas coautorias científicas. O questionário utilizado requereu a adaptação de itens à realidade da pesquisa brasileira em Administração, e foi sujeito a pré-teste com cinco professores pesquisadores em programas de Doutorado.

O questionário final foi composto por quatro partes, como descrito em seguida (questionário disponível por meio de contato com os autores). Na primeira parte, coletaram-se dados referentes ao perfil dos participantes (ocupação, gênero, titulação acadêmica), produção científica (número de artigos publicados, porcentagem dos artigos escritos em coautorias) e instituição (especialmente se eram afiliados a um departamento mais voltado para o ensino, a pesquisa, ou ambos). A segunda parte questionou sobre a percepção da pressão para publicar e qual a fonte desta pressão, com questões como “A pressão para que você publique artigos científicos vem...” (com alternativas de resposta como: do departamento, dos colegas, de você mesmo, etc.).

As restantes partes envolveram explicitamente a coautoria. A terceira parte do questionário incluiu questões sobre as motivações para escrever em coautoria, com questões como: “Por que você escreve em coautoria?”, com alternativas de resposta como: para melhorar a qualidade do artigo, buscar uma ideia em conjunto, juntar competências complementares, aumentar o aprendizado, etc. Na parte quatro, questionamos sobre quais as tarefas de investigação de um artigo que, na percepção do respondente, são consideradas legítimas para dar coautoria a um pesquisador. Esta parte incluiu a questão: “Em sua opinião, você daria coautoria a alguém que tivesse feito SOMENTE a seguinte tarefa?”, com alternativas de resposta que incluem ter a ideia inicial, fazer as estatísticas, escrever a revisão de literatu-

ra, obter financiamento, preparar figuras, etc. As respostas relacionadas à pressão para publicar, motivação para a coautoria e tarefas num artigo foram apresentadas numa escala tipo Likert de 5 pontos, ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente.

O questionário não incluiu qualquer pergunta que permitisse a identificação do participante e foi garantido o anonimato como forma de aumentar a taxa de resposta. O inconveniente potencial é que na ausência da identificação dos participantes não é possível fazer uma triangulação com, por exemplo, dados coletados de outras fontes secundárias como sejam os elementos constantes nos currículos Lattes (o Lattes é o CV oficial para todos os acadêmicos no Brasil). Também não são questionados elementos que elevem extraordinariamente a dificuldade nas respostas como sejam números específicos de coautores, ou referências a trabalhos anteriores, que poderiam exigir mais tempo e esforço dos participantes.

AMOSTRA

Para a identificação de uma amostra de potenciais participantes seguimos alguns procedimentos. Primeiro, para identificar pesquisadores que tivessem escrito em coautoria buscamos aleatoriamente artigos publicados em periódicos brasileiros incluídos na base SPELL. Vale salientar que há atualmente mais de 200 periódicos em Administração publicados o Brasil e oficialmente registrados na CAPES. Buscamos apenas periódicos de relevância e com tradição na pesquisa brasileira em Administração, como a *Brazilian Administration Review*, *Revista de Administração Contemporânea* e *Revista de Administração de Empresas* e, também, periódicos como a revista de *Tecnologias de Administração e Contabilidade (TAC)* que inclui relatos técnicos, assim permitindo alargar o escopo dos pesquisadores incluídos na pesquisa. Em especial, permitiu alargar a amostra a pesquisadores com menor foco na publicação em periódicos de estratos mais altos.

Para a seleção dos artigos foi definido o período de três anos entre 2012 e 2014, com a restrição de incluir apenas artigos da autoria de dois ou mais pesquisadores. Ou seja, todos os artigos precisavam ser escritos em coautoria, dado ser este o nosso foco. Dos artigos foram coletados os e-mails de todos os coautores listados. Quando os e-mails não estavam expressos foi feita uma busca pelo nome dos pesquisadores na internet e nas páginas de internet das universidades. Os

e-mails dos pesquisadores foram utilizados para o envio do questionário que, após um texto introdutório, foi apresentado com uma hiperligação para preenchimento no Google Drive, com a solicitação para a colaboração nesta pesquisa e garantindo o anonimato.

Dos 990 pesquisadores convidados a participar obtivemos 171 respostas válidas, para uma taxa de resposta de 17%. Dada a nossa preocupação em garantir o anonimato não é possível comparar as amostras dos respondentes e não respondentes. A amostra é heterogênea e inclui alunos de doutorado (26 participantes) e de mestrado (6), ex-acadêmicos (10), professor de graduação (30), professor de pós-graduação *lato sensu* (10), mas com predomínio de Professor de programa *stricto sensu* (89). Ou seja, 52% são Professores de *stricto sensu*. Ademais, a maioria é do gênero masculino (106) e com o doutorado (119) ou mesmo o pós-doutorado (26). Assim, 94% dos participantes tem pelo menos o Mestrado e quase 70% pelo menos o doutorado. É relevante notar que é comum os estudantes de mestrado e doutorado publicarem, mesmo que na grande maioria em apenas periódicos nacionais e em português.

Quanto ao histórico de publicação científica dos 171 participantes na amostra, 44% (ou 75 pesquisadores) publicaram de 0 a 10 artigos, 15% (26 pesquisadores) publicaram 11 a 20 artigos e 41% (70 pesquisadores) publicaram mais de 21 artigos (Tabela 1). Não surpreendentemente, dos 75 pesquisadores que publicaram poucos artigos (0 a 10), 49 não tinham ainda o doutorado, sendo 29 estudantes de mestrado ou doutorado. Todos os pesquisadores mais prolíficos (que publicaram 51 artigos ou mais) tinham o doutorado, e atuavam, e mais de 90% atuam como professores de pós-graduação *stricto sensu*. A Tabela 1 descreve a amostra quanto ao número de artigos e a porcentagem em coautoria. É relevante apontar que o anterior Sistema institucionalizado para avaliar a produtividade dos pesquisadores era baseado em incentivar maior volume de publicações, com relativo descuido com a qualidade das publicações – o que pode explicar um número substancial de pesquisadores com muitos artigos publicados.

Tabela 1 Porcentagem de artigos escritos em coautoria

N. de artigos publicados pelo pesquisador	% de artigos que o pesquisador publicou em coautoria					Total	Total (%)
	0-25%	26-50%	51-75%	76-99%	100%		
0-5	5	2	1	3	34	45	26,0
6-10	1	2	4	3	20	30	17,3
11-15	0	1	2	8	4	15	8,7
16-20	1	0	1	6	3	11	6,4
21-50	3	2	7	27	10	49	28,3
51 ou mais	2	0	4	12	3	21	12,1
Total	12	7	19	59	74	171	100%

Nota: Porcentagem de artigos escritos em coautoria no total de artigos publicados.

Fonte: Dados da pesquisa.

As relações de coautoria são preponderantes para todos os níveis de produção científica. Os dados refletem o que já foi observado em outros países e disciplinas que a maioria dos artigos envolve relações de coautoria (PHELAN et al., 2002; ACEDO et al., 2006). Quase 80% dos pesquisadores escreveram a maior parte dos seus artigos (76% ou mais) em coautoria. Os pesquisadores mais prolíficos tendem a ter uma porcentagem um pouco menor de artigos em coautoria; a nossa amostra revela que 72% dos menos prolíficos tem todos os seus artigos em coautoria. Em suma, a nossa amostra parece consistente com a evidência nacional e internacional das publicações em coautoria (PHELAN et al., 2002; WRAY, 2006; MANTON; ENGLISH, 2007; LEAL et al., 2013).

ANÁLISE DOS DADOS

As análises realizadas foram iminentemente descritivas, baseadas em contagens e porcentagens. Por exemplo, para distinguir a produção científica dos pesquisadores, realizaram-se análises para cada intervalo de número de artigos publicados classificados em três níveis: 0 a 10 artigos publicados (Baixa produção), 11 a 20 artigos (Média produção), e 21 ou mais artigos publicados (Alta produção).

Resultados

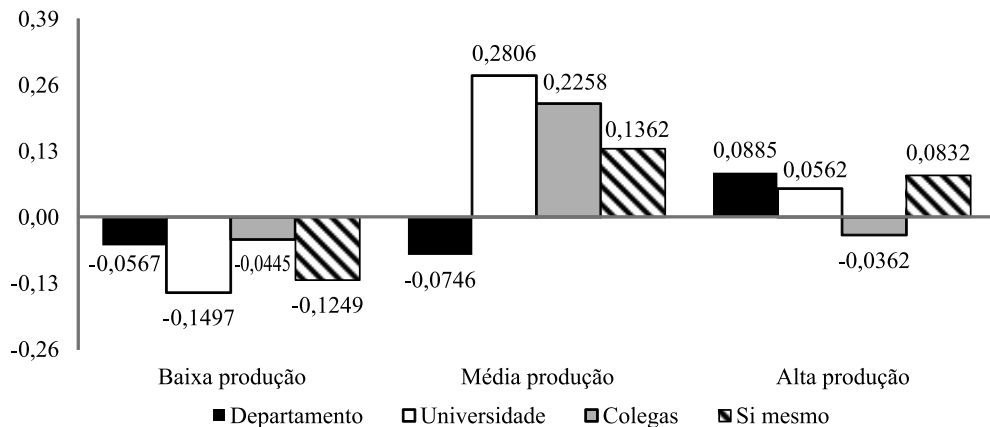
PRESSÕES PARA PUBLICAR

Questionamos os pesquisadores sobre se sentem pressão para publicar. Os resultados (ver Figura 1) indicam que os pesquisadores que têm um número médio de artigos em seu histórico de publicações são os que sentem maior pressão para publicar, seguidos pelo grupo com alta produção. Estes resultados são interessantes e podem evidenciar que quando a pressão para publicar é baixa os pesquisadores publicam pouco. Os pesquisadores que mais publicam possivelmente já são selecionados pelos programas mais exigentes pela sua produtividade e estão habituados requisitos de publicação superiores. Também é possível que os pesquisadores que publicam pouco sofrem menos pressão por estarem em universidades que não exigem publicações. No nível intermediário de publicação as pressões podem ser altas quando o pesquisador está em universidade que deseja melhorar o seu ranqueamento e que busca acreditação. Já os pesquisadores com alta produção podem não sofrer tanto com pressões por já possuírem alta produtividade. No Brasil o Sistema não distingue de forma imediata entre universidades de pesquisa e universidades de ensino (na distinção entre *research* e *teaching schools* que existe nos EUA), mas a agência CAPES ranqueia os programas doutorais usando, também, dados sobre as publicações realizadas (MACCARI et al., 2009).

Examinando as fontes da pressão para a publicação (Figura 2), os resultados indicam que os pesquisadores tendem a sentir maior pressão advinda da universidade, dos colegas e de si próprios. Os pesquisadores em departamentos mais orientados para pesquisa, possivelmente estarão sujeitos a maior pressão para publicação, mas outras fontes de pressão, inclusive intrínsecas ao indivíduo, podem ser relevantes. Na figura, os valores positivos representam quantos pontos cada grupo respondeu acima da média da amostra total, e os valores negativos quantos pontos respondeu abaixo da média. A motivação intrínseca, do próprio pesquisador, se destaca como um fator de alta importância, principalmente para os pesquisadores de média (0,14) e para os de alta produção (0,08). A universidade ou o departamento têm efeitos dispares entre os grupos de análise; e os pesquisadores de produção média sentem maior pressão da universidade do que os pesquisadores de baixa ou alta produção.

Isto é interessante porque no sistema Anglo-Saxónico um resultado similar pode, provavelmente, ser a consequência da necessidade de estabilizar os contratos. A estratégia dos pesquisadores é conseguir estabilidade (*tenure*), que uma vez conseguida não precisam manter altos níveis e publicação. Talvez alguns pesquisadores tenham outra estratégia paralela: ganhar visibilidade e prestígio na sua comunidade, e mantém esta estratégia mesmo depois de conseguir estabilidade. No entanto, no Brasil, a avaliação dos pesquisadores e programas doutorais ocorre a cada quarto anos, continuamente, pelo que se mantém sempre igual incentivo a publicar. Ainda assim, mesmo no Brasil, há diferenças substanciais entre universidades estaduais e federais, onde obter *tenure* não exige realmente um histórico de publicações, sendo principalmente uma questão de tempo. Nas universidades privadas e confessionais este pode ser um assunto mais premente dado que, usualmente, a *tenure* não é concedida. É interessante observar a pressão pelos pares nos níveis intermédios - acima da média (+0,23) no grupo de média produção enquanto é abaixo da média para os outros grupos (-0,04).

Figura 1 Fontes de pressão para publicar, por nível de produção.



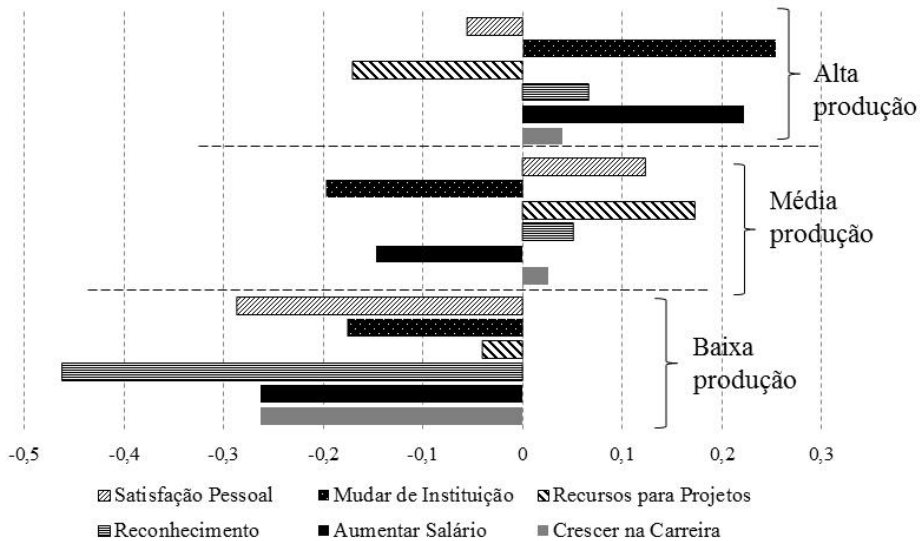
Nota: o eixo vertical mostra a escala tipo Likert ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente, subtraindo as médias (da amostra completa) de cada questão para facilitar a comparação entre os grupos.

Fonte: Dados da pesquisa.

MOTIVAÇÕES PARA PUBLICAR

O que motiva os pesquisadores a publicar? Questionamos os participantes “Com a publicação dos seus artigos espera ...” Os resultados, na Figura 2, mostram que, independentemente do histórico de publicações anterior, a satisfação pessoal e o crescimento na carreira são motivações relevantes para buscar publicar. No entanto, a publicação não é vista como um meio para a mobilidade profissional ou para melhorar salário. Talvez estas percepções reflitam que no Brasil a publicação não está, usualmente, ligada a melhoria na renda (a maioria das universidades não paga por publicação, embora algumas estejam adotando essa prática e a encontrar meios alternativos como bolsas para os mais prolíficos) ou mesmo para oportunidades na carreira (embora as promoções tomem, em certa medida, em consideração as publicações). Este contexto contrasta com o Norte-Americano ou Inglês onde o histórico de publicações é crucial para a promoção, estabilidade empregatícia e mobilidade (STEPHAN, 1996; THOENIG; PARADEISE, 2014).

Figura 2 Motivações para a publicação acadêmica.



Nota: o eixo horizontal mostra a escala tipo Likert ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente, subtraindo as médias (da amostra completa) de cada questão para facilitar a comparação entre os grupos.

Fonte: Dados da pesquisa.

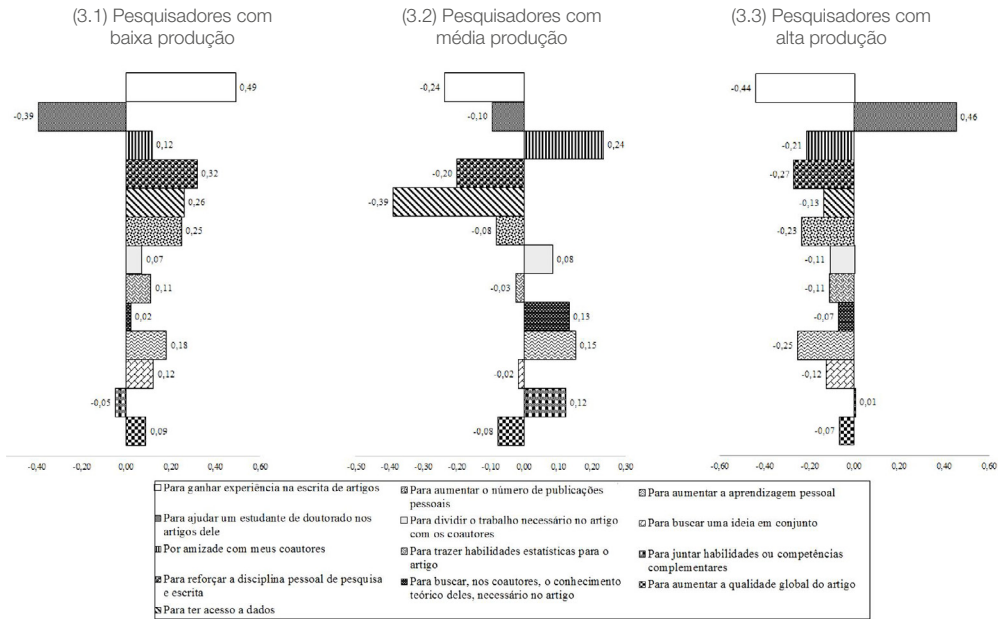
Há, no entanto, há diferenças relevantes nas motivações entre os grupos de pesquisadores. Por exemplo, a mobilidade profissional e o aumento de salário são muito mais importantes para os pesquisadores mais prolíficos, enquanto, por outro lado, a satisfação pessoal é mais motivadora para os pesquisadores de média produção. Os pesquisadores com menor produção têm menor motivação em todos os itens.

MOTIVAÇÃO PARA COAUTORIAS

E quais são as motivações para as coautorias? A nossa hipótese de trabalho é que quanto mais artigos um pesquisador publicar, maior será a sua experiência na publicação, exercitando e desenvolvendo habilidades e capacidades relacionadas à publicação. Questionamos os participantes sobre “Por que você escreve em coautoria?”. Os resultados são expressos na figura 3, que evidencia como os pesquisadores com menor número, nível intermediário e maior número de publicações veem as coautorias. Para a análise e representação na figura 3, seguimos o mesmo procedimento de cálculo subtraindo a média obtida da variável com a amostra completa da média da variável no grupo específico, assim evidenciando diferenças entre os grupos e mais especificamente o quanto cada grupo se distancia da média geral.

Notavelmente, os perfis de motivação nas coautorias são diferentes entre pesquisadores mais produtivos e menos produtivos (ver figuras 3.1, 3.2 e 3.3). Os pesquisadores mais com maior histórico de produção utilizam as coautorias principalmente para ajudar estudantes de doutorado que estão iniciando a carreira (ver, também, Falaster, Ferreira & Serra, 2016). Em contraste, são menos relevantes aspectos como “Para ganhar experiência na escrita de artigos” (-0,44), claramente por já serem experientes, aumentar a disciplina (-0,27), aumentar a aprendizagem pessoal (-0,25) e aumentar o número de publicações pessoais (-0,25).

Figura 3 Motivos para coautoria: O que buscam os pesquisadores?



Nota: o eixo horizontal mostra a escala tipo Likert ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente, subtraindo as médias (da amostra completa) de cada questão para facilitar a comparação entre os grupos. Foram considerados pesquisadores que publicaram de 0 a 10 artigos como de baixa produção, 11 a 20 de média produção e acima de 21 como de alta produção. Fonte: Dados da pesquisa.

Por outro lado, os pesquisadores com a menor quantidade de publicações se diferenciam por buscar coautorias para aumentar sua experiência (+0,49) e reforçar a disciplina na elaboração do artigo (+0,32). Os pesquisadores de baixa produção apresentam médias maiores em praticamente todos os itens quando comparados com seus pares com maior produção. A única grande exceção é na dimensão “Para ajudar um estudante de doutorado nos artigos dele”, visto que muitos dos pesquisadores de baixa produção ainda não chegaram ao ponto em suas carreiras onde têm como ajudar estudantes ou sequer a fazerem orientações de doutorado.

Numa posição intermediária, os pesquisadores com produção média (entre 11 e 20 artigos) valorizam mais o “ajudar um pesquisador amigo”, “aumentar a aprendizagem pessoal”, “aproveitar o conhecimento teórico do coautor” e “juntar

habilidades complementares”. Em contraste, valorizam menos o ter “acesso a dados” e “ganhar experiência”. Este parece ser um grupo em transição. Enquanto procuram conhecimento e habilidades dos colegas, também tendem a não reconhecer que o fazem pela experiência.

As diferenças observadas anteriormente nas motivações de pesquisadores mais e menos produtivos sugerem que há efetivas diferenças nas necessidades de coautoria que os pesquisadores necessitarão gerenciar estrategicamente ao juntar coautores que tragam os conhecimentos e habilidades complementares. Por exemplo, numa fase inicial, quando o pesquisador inicia a carreira e começa a publicar os primeiros artigos, a necessidade pode ser mais utilitária – buscando a geração de volume, coautores que escrevam e que aportem com trabalhos seus, e rapidez na publicação. Numa fase posterior, onde o pesquisador já tem maior experiência no ofício da pesquisa, as preocupações possivelmente focam mais na qualidade dos trabalhos, na publicação em estratos Qualis mais altos e na orientação dos seus estudantes (FALASTER et al., 2017).

CONTRIBUIÇÕES DOS COAUTORES

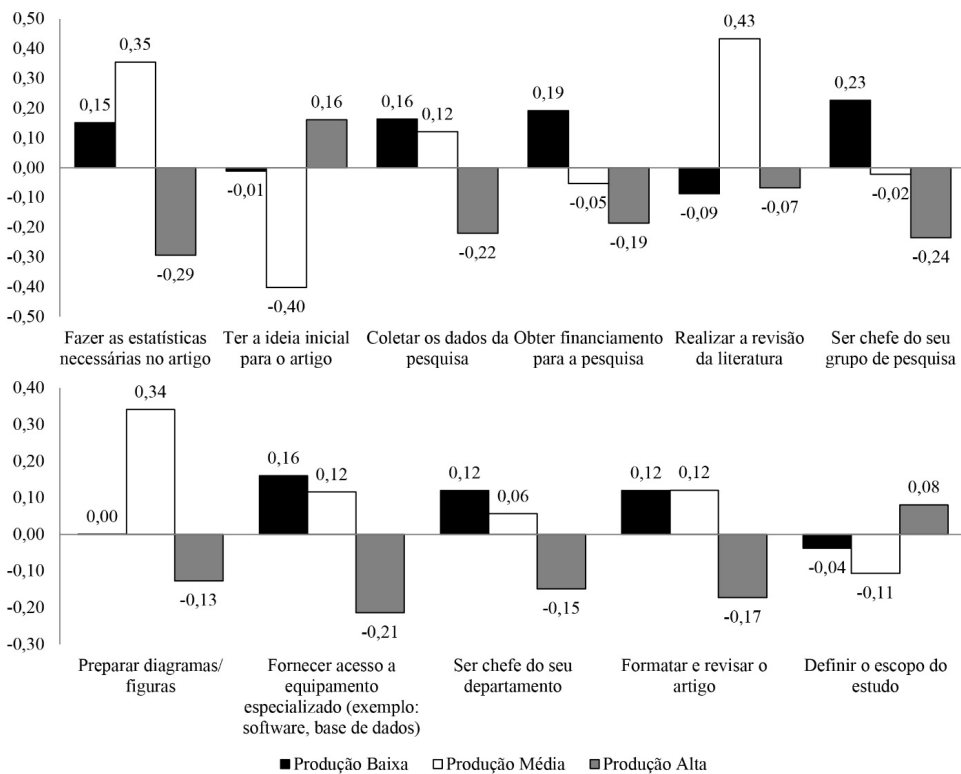
O debate acadêmico sobre o que é realmente um coautor e quando uma coautoria é merecida já não é recente. Embora existam diferentes perspectivas e diferentes pesquisadores usem diferentes práticas (FERREIRA; SERRA, 2015) este é um assunto que não é regulado ou para o qual exista um manual de bom comportamento ético. No entanto, parece haver um consenso crescente que o pesquisador precisa fazer uma contribuição efetiva para o estudo para ser listado como coautor (HUTH, 1986; OSBORNE; HOLLAND, 2009). Assim, uma forma complementar de entender o que os pesquisadores buscam das coautorias é analisar o que consideram serem contribuições merecedoras de coautoria. Ou seja, as contribuições que buscam dos seus coautores.

Há diversas funções ou tarefas que um coautor pode ter, desde a coleta de dados até a redação do artigo. Mas, para avaliar a percepção dos nossos participantes questionámos o seguinte: “Em sua opinião, você daria coautoria ‘a alguém que tivesse feito somente a seguinte tarefa” (tarefas na figura). De forma geral, observamos a valorização de tarefas específicas como sejam fazer as estatísticas necessárias para o artigo (45%), coletar os dados da pesquisa (44%), e realizar a

revisão de literatura (62%). Observamos, também, a pouca valorização dada a aspectos como ter a ideia inicial do artigo (30%), obter financiamento para a pesquisa (25%), preparar diagramas (4%), e formatar e revisar o artigo (13%).

Como se distinguem os pesquisadores mais e menos produtivos quanto a sua percepção do que são contribuições merecedoras de coautoria? A análise comparativa é exposta na figura 4 permitindo distinguir como as percepções mudam para pesquisadores mais, de nível intermédio e menos prolíficos.

Figura 4 Contribuição merecedora de coautoria.



Nota: o eixo vertical demonstra a escala tipo Likert ancorada em 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente, subtraindo as médias (da amostra completa) de cada questão para facilitar a comparação entre os grupos. Foram considerados pesquisadores que publicaram de 0 a 10 artigos como de baixa produção, 11 a 20 de média produção e acima de 21 como de alta produção.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os pesquisadores menos prolíficos tenderam a perceber as tarefas mais operacionais como dignas de coautoria, como sejam fazer a estatística, a coleta de dados, fornecer acesso ao equipamento de pesquisa ou outros elementos que são mais “políticos”, como ser chefe do departamento ou do grupo de pesquisa. O contraste é evidente com os pesquisadores mais prolíficos a valorizarem as questões mais intelectuais, como sejam ter a ideia inicial do artigo e definir o escopo do estudo como mais dignas de coautoria do que seus pares.

Discussão e Considerações Finais

Esta pesquisa analisou dois aspectos fundamentais da publicação científica na ótica dos pesquisadores: a pressão para publicar e as coautorias. Especificamente, buscamos identificar padrões distintos entre pesquisadores mais e menos prolíficos (que publicaram mais ou menos artigos) quanto as suas relações de coautoria. Para realizar o estudo construímos uma base dedicada de dados primários das respostas de 171 pesquisadores brasileiros em Administração. Os dados ilustram que a coautoria é uma prática comum no meio acadêmico brasileiro, similarmente a outras disciplinas e países (MASKE et al., 2003; SERRA; FERREIRA, 2015). A maioria dos respondentes escreveu a maior parte dos seus artigos em coautoria - quase 80% dos pesquisadores participantes publicaram mais de 75% dos seus artigos em coautoria e 43% tiveram todos os artigos em coautoria. Adicionalmente, todos os participantes reportaram alguma pressão para publicar, ainda que com intensidade e origem distinta, mas destacando-se a satisfação pessoal e o crescimento na carreira (ver, também, Chen, 2011, a este respeito).

A realização de pesquisa e a publicação de artigos pelos pesquisadores são influenciadas por fatores institucionais. As pressões emanadas nos departamentos e universidades são de cima para baixo dado que são definidas centralmente nas agências reguladoras Brasileiras. Os pesquisadores reagem às pressões para publicar buscando coautores com quem partilhar a tarefa (BUFREM et al., 2010). No entanto, embora sejam amplamente debatidos os benefícios das coautorias (Souza et al., 2012; FALASTER et al., 2017) e as dificuldades potenciais de gerenciar as relações com os coautores (HOLDER et al., 2000), o debate tem sido menos

munificente em entender como as redes de coautoria variam entre pesquisadores. Neste estudo sugerimos que os pesquisadores buscarão coautores que tragam as competências necessárias. Este argumento é baseado na ideia que as coautorias nem emergem fruto do acaso e que nem são estáveis ao longo dos diferentes níveis de experiência da carreira do pesquisador. De fato, sugerimos que as relações de coautoria evoluem com a evolução dos pesquisadores. Então, podemos esperar que pesquisadores mais estabelecidos terão uma rede de colaborações com composição distinta da de um pesquisador mais jovem ou um professor que foca menos na pesquisa. Desta forma, dadas as pressões para publicar, gerenciar a rede de coautores e modificar a sua composição pode ser essencial para conseguir as publicações desejadas.

Todos os participantes reportaram algum grau de pressão para publicar, apesar de com diferentes intensidades e origens. Isto pode ser um reflexo do sistema institucional que tem sido manifesta no Brasil na crítica ao produtivismo (PATRUS et al., 2015) que valoriza o volume sobre a qualidade. Atualmente há mudanças institucionais significativas em curso que parecem apontar para a maior valorização da qualidade das publicações. Mas o sistema é dinâmico e novas lógicas podem emergir. Apesar de o Brasil ter um sistema institucional sofisticado que integra a avaliação de periódicos, dos pesquisadores e dos programas, a nível nacional, está a adotar mais as práticas usuais baseadas em contagens de citações – e a usar o fator de impacto JCR, o Scopus, e o equivalente local SPELL.

Independentemente do histórico de publicações, concluímos que as principais motivações para as coautorias são melhorar a qualidade dos artigos (HOLDER et al., 2000), e trazer mais conhecimento teórico e competências complementares dos coautores (MANTON; ENGLISH, 2006; ROSSONI; GUARIDO FILHO, 2009). No entanto, também identificámos diferenças assinaláveis entre os pesquisadores mais e menos prolíficos quanto as coautorias. Por exemplo, os pesquisadores mais prolíficos têm o “ônus” adicional de ajudar estudantes de doutorado a lançar as suas carreiras (FALASTER; FERREIRA; SERRA, 2016) e a ter as publicações necessárias para conseguir emprego e estabilidade. Em contraste, os pesquisadores menos prolíficos usam as coautorias como meio para aprender e absorver dos pesquisadores mais experientes tanto o conhecimento teórico como o conhecimento mais tácito sobre como navegar o processo editorial e a lidar com

os revisores (HUDSON, 1996; GOFFMAN; WARREN, 1980; LEE; BOZEMAN, 2005; MANTON; ENGLISH, 2006).

Finalmente, que tarefa ou tarefas merecem coautoria também são percebidas de forma diferente entre os grupos de pesquisadores. Os resultados mostram que os pesquisadores menos prolíficos veem questões específicas e o trabalho mais operacional como a coleta de dados ou fazer as estatísticas como dignos de coautoria. Em contraste, os pesquisadores mais prolíficos exigem um trabalho mais intelectual que pode incluir dar a ideia principal ou definir o escopo do estudo e tarefas como a coleta de dados não são justificativas para a coautoria. Curiosamente, os pesquisadores de menor produção também se mostraram os mais “políticos”, afirmando com maior frequência que dariam coautoria a um chefe de departamento ou chefe de grupo de pesquisa, apenas por serem chefes, sem trabalho algum no artigo.

A contribuição fundamental deste estudo está em analisar o que os pesquisadores buscam nas coautorias, por que escrevem em parceria e quais os benefícios que veem nas suas relações com seus coautores. Fazemos estas análises comparando pesquisadores mais e menos prolíficos. Há, portanto, uma contribuição para a literatura que tem sido escassa em examinar as percepções sobre as publicações e, especialmente, sobre as relações e redes de coautorias dos pesquisadores. O estudo tem implicações para a academia. Os resultados revelam diferenças nas motivações e mesmo nas percepções do que são contribuições merecedoras de coautoria. Os objetivos buscados nas coautorias variam entre os grupos de pesquisadores e é relevante entender como podem mudar para promover pesquisa colaborativa. Também, entendendo o que motiva os pesquisadores a publicar é possível promover os comportamentos desejados. Por exemplo, os pesquisadores mais prolíficos parecem perceber as publicações como veículos para a mobilidade e melhoria salarial, enquanto pesquisadores de publicação intermediária buscam aspectos como o reconhecimento e a realização pessoal. Para os estudantes de doutorado e recém-graduados é importante entender a importância de construir relações e coautorias para o seu progresso profissional. Em suma, tendo melhor conhecimento é possível pensar mais estrategicamente sobre os laços de coautoria e como os promover.

Este estudo também tem uma contribuição gerencial para os diretores dos programas de pós-graduação e grupos de pesquisa. Para os diretores de departa-

tamento e de programa, compreender o que os pesquisadores buscam dos seus laços de coautoria é um passo inicial para promover e gerenciar as coautorias. Um número de ações podem ser tomadas para promover a troca de ideias que podem conduzir a coautorias, incluindo programas de intercâmbio, posições como professor visitante, fazer seminários de pesquisa, etc. De fato, alguns programas doutorais já começaram a avaliar as redes de laços dos seus professores observando as coautorias com atuais e ex-alunos e com professores em universidades nacionais e estrangeiras. No centro da organização em grupos e centros de pesquisa está, pelo menos em parte, subjacente a motivação de promover as relações colaborativas entre os seus membros. O debate de ideias e trazer projetos de pesquisa para o grupo é provável que conduzam a coautorias. Frequentemente, estes grupos juntam professores e estudantes, principalmente de Mestrado e doutorado, envolvidos em pesquisas.

Outras implicações podem refletir sobre as agências reguladoras e de financiamento numa perspectiva institucional. A este respeito, é relevante para definir as normas institucionais em aspetos como é feita a avaliação de programas e professores, por exemplo, para a estabilidade. No Brasil há uma organização central - a CAPES (*Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior*) – que estabelece o quadro regulatório para avaliar os programas de pós-graduação e que valoriza substancialmente a produção científica, tanto quantitativa como qualitativamente, dos professores (MACCARI et al., 2009). A estes requisitos – melhorar a qualidade dos estudos e aumentar o volume de publicações em periódicos com fator de impacto -, os pesquisadores reagem buscando ativamente por construir laços de coautoria. É relevante notar que, por exemplo, o reconhecimento nacional e internacional dos pesquisadores já é um item avaliado pelo CNPq (por exemplo, para as Bolsas de Produtividade em Pesquisa). No contexto do Brasil, e talvez outros países mais periféricos fora dos EUA e da união Europeia, estes assuntos são importantes porque influenciam a credibilidade científica do país e, também, outros aspetos objetivos como a obtenção de acreditação por agências como a EQUIS ou AACSB. O governo Brasileiro tem um conjunto de agências que estabelecem as normas e regras que as universidades, programas de pós-graduação e pesquisadores devem seguir. Estas agências supervisionam a avaliação, que influenciam definindo a qualidade dos periódicos (o ranqueamento oficial de periódicos é o

QUALIS) e, genericamente, os critérios que são usados para avaliar o desempenho (especialmente por meio de duas agências: CNPq e CAPES).

Finalmente, para os editores de periódicos, avaliar a relevância das coautorias é importante. Uma evidência é que alguns periódicos já têm formulários específicos que precisam ser submetidos juntamente com os manuscritos onde é necessário identificar a contribuição de cada coautor listado – usualmente selecionando entre um conjunto de tarefas que cada realizou. Talvez o nosso estudo contribua para os periódicos conceberem melhor estes formulários, identificando quais as tarefas que os próprios pesquisadores consideram relevantes e merecedoras de coautoria.

LIMITAÇÕES E PESQUISAS FUTURAS

Este trabalho tem algumas limitações. Os resultados do nosso estudo não pretendem ser generalizáveis porque delimitámos o escopo a apenas uma disciplina e um país. Também salientámos as especificidades do Sistema institucional Brasileiro em que os incentivos (ou falta de) para publicar existem. No entanto, os resultados podem ser relevantes para outras economias emergentes e para países que buscam estabelecer um conjunto amplo de critérios para regular e incentivar a produção científica. Os nossos resultados também não serão transferíveis para outras disciplinas onde as práticas são distintas. Por exemplo, não é comum para a Pesquisa em Administração ser conduzida em grupos de pesquisa, como são as pesquisas em medicina. O escopo deste estudo limitou-se a Administração e as diferenças entre campos – tal como as entre diferentes países e sistemas de pesquisa – serão provavelmente grandes. Ainda assim, estudos futuros podem revelar essas diferenças ajudando a entender se há, e como, uma convergência nos critérios para avaliar o desempenho científico.

O estudo foi planejado para ser descritivo, não visando realizar testes estatísticos de hipóteses, o que inviabiliza maior exploração de alguns elementos potencialmente relevantes. Neste estudo evitamos incluir questões identificativas dos participantes de modo a garantir o anonimato e aumentar a taxa de resposta, dada a relativa sensibilidade do assunto. A desvantagem é que não é possível realizar triangulações dos dados. Por exemplo, os resultados mostraram que os pesquisadores mais prolíferos sentem mais a pressão para publicar que os menos produtivos.

vos, o que pode parecer um contrassenso, mas importa escrutinar as instituições de afiliação e os mecanismos de incentivo à publicação existentes.

Estudos futuros podem observar o fenômeno das coautorias e procurar uma relação de causa-e-efeito do que leva os pesquisadores a sentir maior pressão e qual o impacto da pressão para publicar na efetiva publicação. Também importaria ter uma aferição mais precisa do impacto dos mecanismos de incentivos (por exemplo salariais, de progressão ou prêmios financeiros por artigo publicado) quando se visa aumentar, ou melhorar, a produção acadêmica. Pelo menos em parte estes incentivos existem no sistema norte americano em que a *tenure* (a estabilidade de emprego) é conseguida com o preenchimento de requisitos de publicação em periódicos reputados. É relevante notar que algumas universidades Brasileiras pagam aos seus pesquisadores por publicação, seguindo uma lista de periódicos.

Há, ainda, as limitações relativas aos dados. Embora utilizemos uma amostra de dimensão substancial, a amostra não inclui o universo de todos os pesquisadores em Administração no Brasil (ver, por exemplo, PERLIN et al., 2017). Uma possibilidade em estudos futuros é considerar todos os pesquisadores que tenham um currículo Lattes registrado e enquadrado na área e, aleatoriamente, fazer um sorteio para definir a amostra. De modo similar, os dados coletados foram-no na perspectiva e percepção de cada pesquisador e sua prática, mas poderá ser relevante haver uma triangulação com dados secundários, por exemplo, sobre o histórico de publicações para melhor aferir práticas. Esta possibilidade, no entanto, pode deparar-se com menor taxa de resposta quando se elimina o caráter anônimo da pesquisa em questionários sobre assuntos que podem ser considerados sensíveis.

Em conclusão, estudos mais aprofundados sobre as relações de coautorias ao longo da carreira dos pesquisadores podem auxiliar a compreender a academia como um todo, uma vez que grande parte do trabalho científico (publicação) é desenvolvido em coautoria. O nosso estudo contribui para identificar como as coautorias são usadas pelos pesquisadores, e o que buscam ao escolher os seus coautores. Este é um passo complementar, no contexto da academia Brasileira em Administração, no esforço de compreender as semelhanças e diferenças com relação a coautoria, e como os pesquisadores percebem este que é um elemento fundamental do ambiente institucional envolvente.

Agradecimentos

Reconhecemos o apoio do CNPq para a realização desta pesquisa.

Referências

- ABBASI, A.; ALTMANN, J.; HOSSAIN, L. Identifying the effects of co-authorship networks on the performance of scholars: A correlation and regression analysis of performance measures and social network analysis measures. *Journal of Informetrics*, v.5, n.4, p.594-607, 2011. Doi: 10.1016/j.joi.2011.05.007
- ABBASI, A.; ALTMANN, J.; HWANG, J. Evaluating scholars based on their academic collaboration activities: Two indices, the RC-index and the CC-index, for quantifying collaboration activities of researchers and scientific communities. *Scientometrics*, v.83, n.1, p.1-13, 2010. Doi: 10.1007/s11192-009-0139-2
- ACEDO, F.; BARROSO, C.; CASANUEVA, C.; GALÁN, J. Co-authorship in management and organizational studies: An empirical and network analysis. *Journal of Management Studies*, v.43, n.5, p.957-983, 2006. Doi: 10.1111/j.1467-6486.2006.00625.x
- ALMEIDA, E.; GUIMARÃES, J. Brazil's growing production of scientific articles; How are we doing with review articles and other qualitative indicators? *Scientometrics*, v.97, n.2, p.287-315, 2013. Doi: 10.1007/s11192-013-0967-y
- BACCINI, A.; BARABESI, L.; CIONI, M.; PISANI, C. Crossing the hurdle: The determinants of individual scientific performance. *Scientometrics*, v.101, n.3, p.2035-2062, 2014. Doi: 10.1007/s11192-014-1395-3
- BARABÁSI, A.; JEONG, H.; RAVASZ, R.; NEDA, Z.; BISHKEK, T.; SCHUBERT, A. Evolution of the social network of scientific collaboration. *Physica A: Statistical Mechanics and its Applications*, v.311, p.590-614, 2002. Doi: 10.1016/S0378-4371(02)00736-7
- BARNETT, A.; AULT, R.; KASERMAN, D. The rising incidence of co-authorship in economics: Further evidence. *The Review of Economics and Statistics*, v.70, n.3, p.539-543, 1988. Doi: 10.2307/1926798
- BENNETT, D.; TAYLOR, D. Unethical practices in authorship of scientific papers. *Emergency Medicine*, v.15, n.3, p.263-270, 2003. Doi: 10.1046/j.1442-2026.2003.00432.x
- BEUREN, I.; SOUZA, J. Em busca de um delineamento de proposta para classificação dos periódicos internacionais de contabilidade para o Qualis CAPES. *Revista Contabilidade & Finanças*, v.19, n.46, p.44-58, 2008. Doi: 10.1590/S1519-70772008000100005
- BIDAULT, F.; HILDEBRAND, T. The distribution of partnership returns: Evidence from co-authorships in economics journals. *Research Policy*, v.43, n.6, p.1002-1013, 2014. Doi: 10.1016/j.respol.2014.01.008
- BORDONS, M.; FERNÁNDEZ, M.; GÓMEZ, I. Advantages and limitations in the use of impact factor measures for the assessment of research performance. *Scientometrics*, v.53, n.2, p.195-206, 2002. Doi: 10.1023/A%3A1014800407876
- BUFREM, L.; GABRIEL JR., R.; GONÇALVES, V. Práticas de co-autoria no processo de comunicação científica na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Informação & Informação*, v.15, n.1, p.111-130, 2010. Doi: 10.5433/1981-8920.2010v15n1espp111

- CAMPANÁRIO, J. Have referees rejected some of the most-cited articles of all times? *Journal of the American Society for Information Science*, v.47, n.4, p.302-310, 1996. Doi: 10.1002/(SICI)1097-4571(199604)47:4<302::AID-ASI6>3.0.CO;2-0
- CHEN, X. Author ethical dilemmas in the research publication process. *Management and Organization Review*, v.7, n.3, p.423-432, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1740-8784.2011.00229.x>
- COLLET, F.; VIVES, L. From preeminence to prominence: The fall of US business schools and the rise of European and Asian business schools in the Financial Times Global MBA Rankings. *Academy of Management Learning & Education*, v.12, n.4, p.540-563, 2013. Doi: 10.5465/amle.2011.0094
- CRESPI, T.; PREUSLER, T.; LUNA, N.; FERREIRA, M. Novo Qualis: Impacto na avaliação da produção intelectual dos pesquisadores em Administração. *Revista de Ciências da Administração*, v.19, n.47, p.131-147, 2017. Doi: 10.5007/2175-8077.2017v19n47p131
- DINIZ-FILHO, J.; FIORAVANTI, M.; BINI, L.; RANGEL, T. Drivers of academic performance in a Brazilian university under a government-restructuring program. *Journal of Informetrics*, v.10, n.1, p.151-161, 2016. Doi: 10.1016/j.joi.2015.12.004
- DUCTOR, L. Does co-authorship lead to higher academic productivity? *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, v.77, n.3, p.385-407, 2015. Doi: 10.1111/obes.12070
- FALASTER, C.; FERREIRA, M.; CANELA, R. Motivos de rejeição dos artigos nos periódicos de Administração. *Organizações e Sociedade*, v.23, n.7, p.285-306, 2016. Doi: 10.1590/1984-9230776
- FALASTER, C.; FERREIRA, M.; SERRA, F. The research productivity of new Brazilian PhDs in management: A few “star” performers outshine a mass of low performers. *Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, v.14, n.1, p.60-84, 2016. Doi: 10.1108/MRJAM-11-2015-0619
- FALASTER, C.; FERREIRA, M.; GOUVEA, D. O efeito da publicação científica do orientador na publicação dos seus orientados. *Revista de Administração Contemporânea*, v.21, n.4, p.458-480, 2017. Doi: 10.1590/1982-7849rac2017160118
- FERREIRA, M. Periódicos e rankings de periódicos em Administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v.9, n.1, p.1-16, 2015. Doi: 10.12712/rpca.v9i2.502
- FERREIRA, M.; FALASTER, C. Uma análise comparativa dos fatores de rejeição nos periódicos de diferentes estratos de Administração. *Revista de Administração Contemporânea*, v.20, n.4, p.412-433, 2016. Doi: 10.1590/1982-7849rac2016140144
- FERREIRA, M.; SERRA, F. A coautoria em artigos científicos: Perspectiva de pesquisadores internacionais. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v.16, n.1, p.663-694, 2015. Doi: 10.13058/raep.2015.v16n4.381
- FOGARTY, T.; RUHL, J. Institutional antecedents of accounting faculty research productivity: A LISREL study of the “best and brightest. *Issues in Accounting Education*, v.12, n.1, p.27-48, 1997.
- GOFFMAN, W.; WARREN, K. *Scientific information systems and the principle of selectivity*, New York, NY: Praeger, 1980.
- GREENWOOD, C. Publish or perish: The ethics of publishing in peer-reviewed journals. *Media Information Australia*, v.68, n.1, p.29-35, 1998. Doi: 10.1177/1329878X9306800106
- HARZING, A-W. Journal quality list, 55th edition, 23 may 2015, acesso em http://www.harzing.com/download/jql_journal.pdf
- HARZING, A-W. *Publish or perish*, Melbourne, Australia: Tarma Software Research, Ltd., 2007.

- HEMMINGS, B.; RUSHBROOK, P.; SMITH, E. Academics' views on publishing refereed works: A content analysis. *Higher Education*, v.54, n.2, p.307-332, 2006. Doi: 10.1007/s10734-005-8608-x
- HOLDER, M.; LANGREHR, F.; SCHROEDER, D. Finance journal co-authorship: How do coauthors in very select journals evaluate the experience? *Financial Practice and Education*, v.10, n.1, p.142-152, 2000.
- HUDSON, J. Trends in multi-authored papers in economics. *The Journal of Economic Perspectives*, v.10, n.3, p.153-158, 1996. Doi: 10.1257/jep.10.3.153
- HUTH, E. Guidelines on authorship of medical papers. *Annals of Internal Medicine*, v.104, n.2, p.269-274, 1986.
- IGLIČ, H.; DOREIAN, P.; KRONEGGER, L.; FERLIGOJ, A. With whom do researchers collaborate and why? *Scientometrics*, v.112, n.1, p.153-174, 2017.
- JUDGE, T.; CABLE, D.; COLBERT, A.; RYNES, S. What causes a management article to be cited: Article, author, or journal? *Academy of Management Journal*, v.50, n.3, p.491-506, 2007. Doi: 10.5465/amj.2007.25525577
- KATZ, J.; MARTIN, B. What is research collaboration? *Research Policy*, v.26, n.1, p.1-18, 1997. Doi: 10.1016/S0048-7333(96)00917-1
- KEITH, B.; BABCHUK, N. The quest for institutional recognition: A longitudinal analysis of scholarly productivity and academic prestige among sociology departments. *Social Forces*, v.76, n.4, p.1495-1533, 1998. Doi: 10.1093/sf/76.4.1495
- LEAL, R.; DE SOUZA, V.; BORTOLON, P. Produção científica Brasileira em finanças no período 2000-2010. *Revista de Administração de Empresas*, v.53, n.1, p.46-55, 2013.
- LEE, S.; BOZEMAN, B. The impact of research collaboration on scientific productivity. *Social Studies of Science*, v.35, n.5, p.673-702, 2005. Doi: 10.1177/0306312705052359
- LEITE, P.; MUGNAINI, R.; LETA, J. A new indicator for international visibility: Exploring Brazilian scientific community. *Scientometrics*, v.88, n.1, p.311, 2011. Doi: 10.1007/s11192-011-0379-9
- LUNGEANU, A.; HUANG, Y.; CONTRACTOR, N. Understanding the assembly of interdisciplinary teams and its impact on performance. *Journal of Informetrics*, v.8, n.1, p.59-70, 2014. Doi: 10.1016/j.joi.2013.10.006
- MACCARI, E.; ALMEIDA, M.; NISHIMURA, A.; RODRIGUES, L. A Gestão dos Programas de Pós-Graduação em Administração com base no Sistema de Avaliação da CAPES. *REGE Revista de Gestão*, v.16, n.4, p.1-16, 2009. Doi: 10.5700/issn.2177-8736.rege.2009.36682
- MACCARI, E.; ALMEIDA, M.; RICCIO, E.; ALEJANDRO, T. Proposta de um modelo de gestão de programas de pós-graduação na área de Administração a partir dos sistemas de avaliação do Brasil (CAPES) e dos Estados Unidos (AACSB). *Revista de Administração*, v.49, n.2, p.369-383, 2014. Doi: 10.5700/rausp1152
- MACCARI, E.; NISHIMURA, A. Povoamento dos estratos conceitos 6 e 7 no sistema de avaliação da capes pela área de administração, ciências contábeis e turismo nas avaliações trienais 2010 e 2013. *Revista Eletrônica de Administração*, v.20, n.3, p.601-624, 2014.
- MACCARI, E.; RODRIGUES, L.; ALESSIO, E.; QUONIAM, L. Sistema de avaliação da pós-graduação da Capes: Pesquisa-ação em um programa de pós-graduação em Administração. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v.5, n.9, p.171-205, 2011.

- MANTON, E.; ENGLISH, D. Reasons for co-authorship in business journals and the extent of guest or gift authorships. *Delta Pi Epsilon Journal*, v.48, n.2, p.86-95, 2006.
- MANTON, E.; ENGLISH, D. The trend toward multiple authorship in business journals. *Journal of Education for Business*, v.82, n.3, p.164-168, 2007. Doi: 10.3200/JOEB.82.3.164-168
- MASKE, K.; DURDEN, G.; GAYNOR, P. Determinants of scholarly productivity among male and female economists. *Economic Inquiry*, v.40, n.1, p.539-555, 2003.
- MESQUITA, R.; MEDEIROS, A.; SENA, A.; GOMES, V. O triênio 2010-2012 e a nova avaliação de periódicos da capes e 2010-2012. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v.12, n.2, p.33-47, 2013.
- MOODY, J. The structure of a social science collaboration network: Disciplinary cohesion from 1963 to 1999. *American Sociological Review*, v.69, n.2, p.213-238, 2004. Doi: 10.1177/000312240406900204
- MUGNAINI, R.; JANNUZZI, P.; QUONIAM, L. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: Uma análise a partir da base Pascal. *Ciência da Informação*, v.33, n.2, p.123-131, 2004.
- OLMEDA-GÓMEZ, C.; PERIANES-RODRÍGUEZ, A.; OVALLE-PERANDONES, M.; GUERRERO-BOTE, V.; ANEGÓN, F. Visualization of scientific co-authorship in Spanish universities: From regionalization to internationalization. *Aslib Proceedings*, v.61, n.1, p.83-100, 2009. Doi: 10.1108/00012530910932302
- ORTEGA, J. Influence of co-authorship networks in the research impact: Ego network analyses from Microsoft Academic Search. *Journal of Informetrics*, v.8, n.3, p.728-737, 2014. Doi: 10.1016/j.joi.2014.07.001
- OSBORNE, J.; HOLLAND, A. What is authorship, and what should it be? A survey of prominent guidelines for determining authorship in scientific publications. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, v.14, n.15, p.1-19, 2009.
- PATRUS, R.; DANTAS, D.; SHIGAKI, H. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: Uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cadernos EBAPE*, v.13, N.1, p.1-18, 2015.
- PERLIN, M.; SANTOS, A.; IMASATO, T.; BORENSTEIN, D.; SILVA, S. The Brazilian scientific output published in journals: A study based on a large CV database. *Journal of Informetrics*, v.11, n.1, p.18-31, 2017. Doi: 10.1016/j.joi.2016.10.008
- PERSSON, R. Bibliometric author evaluation through linear regression on the coauthor network. *Journal of Informetrics*, v.11, n.1, p.299-306, 2017. Doi: 10.1016/j.joi.2017.01.003
- PHELAN, S.; FERREIRA, M.; SALVADOR, R. The first twenty years of the Strategic Management Journal. *Strategic Management Journal*, v.23, n.12, p.1161-1168, 2002. Doi: 10.1002/smj.268
- ROSSONI, L.; GUARIDO FILHO, E. Cooperação entre programas de pós-graduação em Administração no Brasil: Evidências estruturais em quatro áreas temáticas. *Revista de Administração Contemporânea*, v.13, n.3, p.366-390, 2009. Doi: 10.1590/S1415-6552009000300003
- ROTH, W. Editorial power/authorial suffering. *Research in Science Education*, v.32, n.2, p.215-240, 2002.
- ROTHMAN, J.; KIRK, S.; KNAPP, H. Reputation and publication productivity among social work researchers. *Social Work Research*, v.27, n.2, p.105-115, 2003. doi: 10.1093/swr/27.2.105
- RUIZ-CASTILLO, J.; COSTAS, R. The skewness of scientific productivity. *Journal of Informetrics*, v.8, n.4, p.917-934, 2014. doi: 10.1016/j.joi.2014.09.006
- RYNES, S.; HILLMAN, A.; IRELAND, R.; KIRKMAN, B.; LAW, K.; MILLER, C.; RAJAGOPALAN, N.; SHAPIRO, D. Everything you've always wanted to know about AMJ but may have been afraid to ask. *Academy of Management Journal*, v.48, n.5, p.737-737, 2005. doi: 10.5465/amj.2005.18803916

- SANDNES, F. (2018). Do Norwegian academics who publish more earn higher salaries? *Scientometrics*, 1-19. Doi: 10.1007/s11192-018-2639-4
- SERRA, F., FIATES, G., & FERREIRA, M. (2008). Publicar é difícil ou faltam competências? O desafio de pesquisar e publicar em revistas científicas na visão de editores e revisores internacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(4), 32-55.
- SHIGAKI, H.; PATRUS, R. O papel da produção intelectual no sistema de avaliação dos programas de Administração pela Capes. *TPA-Teoria e Prática em Administração*, v.2, n.2, p.126-150, 2013.
- STEPHAN, P. The economics of science. *Journal of Economic Literature*, v.34, n.3, p.1199-1235, 1996.
- SULLIVAN, S. Scholarly publishing: Trash or treasure. *Australian Academic and Research Libraries*, v.27, n.1, p.40-46, 1996.
- TARNOW, E. Co-authorship in physics. *Science and Engineering Ethics*, v.8, n.2, p.175-190, 2002.
- THOENIG, J.; PARADEISE, C. Organizational governance and the production of academic quality: Lessons from two top US research universities. *Minerva*, v.52, n.4, p.381-417, 2014. doi: 10.1007/s11024-014-9261-2
- TULESKI, S.; BARROCO, S. Classificação dos periódicos no sistema QUALIS da CAPES: A mudança dos critérios é urgente! *Psicologia em Estudo*, v.15, n.1, p.1-40, 2010.
- WALTMAN, L. A review of the literature on citation impact indicators. *Journal of Informetrics*, v.10, n.2, p.365-391, 2016. doi: 10.1016/j.joi.2016.02.007
- WRAY, K. Scientific authorship in the age of collaborative research. *Studies in History and Philosophy of Science*, v.37, p.505-514, 2006. doi: 10.1016/j.shpsa.2005.07.011